

MARTIN, HEIDEGGER. **ONTOLOGIA (HERMENÊUTICA DA FATICIDADE)**.

TRADUÇÃO DE RENATO KIRCHNER. PETRÓPOLIS: VOZES, 2012. (COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS).

JANDIR SILVA DOS SANTOS

Graduando em filosofia. Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR)  
jandirabm@hotmail.com.

O leitor brasileiro dispõe, agora, de um dos principais trabalhos iniciais do pensamento de Martin Heidegger, trata-se da obra *Ontologia (hermenêutica da faticidade)*. Esta obra é composta pelos manuscritos das preleções do autor, apresentados durante o semestre de verão de 1923 em Freiburg. Tendo por base o original alemão editado por Käte Bröcker-Oltmanns. A tradução brasileira é assinada por Renato Kirchner e publicada pela editora Vozes. O ano de publicação é 2012.

A referida obra é pequena. Possui apenas 135 páginas e está dividida em duas partes, contendo cada uma quatro capítulos. Apesar disso, é de singular importância no arcabouço da filosofia heideggeriana.

Desenvolvida anos antes da publicação de *Ser e tempo*, a obra magna de Heidegger, as preleções sobre ontologia já apresentam, em germe, a filosofia desse autor prenunciando o pensamento metafísico de Heidegger, sua crítica à ontologia e o estudo da facticidade do ser a partir da abordagem hermenêutica.

Essa proposta já se apresenta evidente na introdução, nela Heidegger afirma o seu descontentamento com a ontologia tradicional e moderna que, segundo o autor, realiza uma objetualidade do ser. Partindo das bases fenomenológicas, o filósofo alemão mostra, nessa obra, que a ontologia deve ocupar-se do ente e das suas possibilidades no transcórrer temporal, tendo presente a significatividade que as coisas que se nos apresentam possuem. Desse modo, ele aponta, no referido escrito, para uma reconfiguração da ontologia, pois esse estudo deve confirmar, e não ignorar, o caráter fático do ser.

Essa conferência pode ser considerada um marco histórico pois é nela que Heidegger apresenta o conceito de faticidade – que o acompanhará em outras obras posteriores, inclusive *Ser e Tempo*. Por facticidade, o autor entende “a designação para o caráter ontológico de ‘nosso’ ser-aí ‘próprio’. [...] Esse ser-aí em

cada ocasião” (2012, p. 13). E continua: “fático chama-se algo que ‘é’ articulando-se por si mesmo sobre um caráter ontológico, o qual é ‘desse modo’”.

Através dessa linha interpretativa, Heidegger defende que a ontologia deve compreender o ser não como um estrutura fixa, objetual, que pode ser apreendida e esgotada. Para justificar tal caminho interpretativo o autor mostra que ser que apreendemos é o ser que se apresenta a nós em sua ocasionalidade, em seu “encobrir-se e velar-se” (2012, p. 84), a partir de um horizonte de sentido que norteia o mundo.

Heidegger chega a tais conclusões graças à fenomenologia. Essa categoria temática, segundo a consideração do filósofo, “possui a função de alertar criticamente a visão reconduzindo-a à desconstrução dos encobrimentos encontrados através da crítica” (2012, p. 84).

A fenomenologia constitui o “como” da pesquisa sobre o ser, ou seja, o modo como ela deve ocorrer. Diante dessas considerações, Heidegger argumentará que a hermenêutica é o caminho mais adequado de apreensão do ser fático, uma vez que ela se propõe seguir este caminho. Para o pensador da Floresta Negra,

[...] toda interpretação é uma interpretação em conformidade a ou em vista de algo. A posição prévia, a ser interpretada, deve ser buscada na rede de objetualidades. Deve afastar-se do que se encontra mais próximo no assunto que está em jogo para ir em direção ao que reside em seu fundo (HEIDEGGER, 2012, p. 84)

137

Essa postura da interpretação encaixa-se, adequadamente, em sua proposta ontológica. Se o ser não é uma estrutura fixa, atemporal, mas é fundamentalmente marcado pelo devir, o estudo ontológico precisa ir (retornar) às coisas mesmas, em seu hoje, em sua ocasião buscando interpretar o que ele revela.

Nesse sentido, ele elucida o que se deve entender por hermenêutica: para ele a hermenêutica não é a ciência ou conjunto de regras da interpretação textual, tão pouco uma metodologia para as ciências do espírito, mas antes, refere-se à interpretação fenomenológica da própria existência humana. A partir dessa Preleção de Heidegger, surge uma concepção de hermenêutica que diverge das concepções até então elaboradas.

Em suas palavras: “a hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião, em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo de que o ser-aí é

atingido” (2012, p. 21). Ou seja, a hermenêutica da faticidade ocupa-se do ser-aí ocasional, tendo como tarefa “colocá-lo de tal maneira numa perspectiva compreensiva de modo que possam ser evidenciadas as características fundamentais de seu ser” (2012, p. 54).

Podemos afirmar que Heidegger, nessa obra, inaugura o que se pode chamar de hermenêutica filosófica, uma vez que em seu pensamento a hermenêutica é mais do que uma preocupação epistemológica, pois torna-se o esforço compreensivo acerca do ser. O filósofo, portanto, relaciona, diretamente, em sua obra hermenêutica e ontologia, ao propor que a apreensão mais adequada do ser é a hermenêutica, que se configura como “determinada unidade na realização [...] do comunicar, ou seja, da interpretação da facticidade que conduz ao encontro, visão, maneira e conceito de facticidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 21).

Cabe lembrar, contudo, que a hermenêutica não consiste num método de estudo do ser, é, antes de mais nada, um modo de compreender o ser que, por seu caráter interpretativo e comunicativo, corresponde à faticidade da estrutura ontológica.

Heidegger, ainda nessa obra, vincula, eficazmente, hermenêutica e existência. Ele mostra que a compreensão hermenêutica tem por objetivo “um conhecer existencial” (2012, p. 24). Em outras palavras, o filósofo defende que o processo hermenêutico constitui a existência, de modo que há uma relação fundamental entre o compreender e o existir.

A ligação entre compreensão e existência, porém, só se torna evidente no homem. Ele é o único ser que tem consciência da faticidade, consciência de si próprio e das coisas que o circundam. Não por acaso, esse tema ocupará um capítulo inteiro da obra em questão, no qual o filósofo mostrará que o conceito de ser-aí aplica-se ao homem mais adequadamente que os conceitos antropológicos tradicionais.

O homem, enquanto ser-aí, percebe-se como “ser” circundado por um conjunto de entes. Assim, percebe-se como ser-no-mundo. Nesse mundo ele busca uma certa familiaridade com as coisas que definem a sua “segurança objetiva”. É assim que o homem constrói a significância das coisas. Por significância, Heidegger entende “o como isto ou aquilo aparece e o como que vem ao encontro” (2012, p. 91). Ela expressa a possibilidade de uma divisão que Heidegger proporá adiante entre “coisas naturais e coisas de valor” (2012, p. 94).

Dessa forma, a hermenêutica, da forma como entende Heidegger, antes de mais nada, é um constituinte existencial do homem. Tal constituinte existencial, no contato com os entes, busca interpretá-los – como prevenção da angústia – formando compreensão, expressão, familiaridade.

Esta obra antecipa, de um modo particular, alguns dos temas fundamentais de Ser e Tempo, configurando-se uma obra especial para aqueles que procuram estudar o desenvolvimento do pensamento heideggeriano. É também importante para quem acompanha o desenvolvimento da hermenêutica na filosofia contemporânea, uma vez que esta obra faz parte do conjunto de escritos de Heidegger que promovem uma abertura da filosofia à hermenêutica, mostrando que esta última tem um lugar especial nos estudos de ontologia contemporânea, bem como na compreensão da própria existência do homem.

Enfim, apesar da densidade da obra, característica de Heidegger, *Ontologia (hermenêutica da facticidade)* é um escrito de grande valia para a filosofia contemporânea, proporcionando um enriquecimento teórico acerca de diversos temas da filosofia, haja vista, a erudição e a competência filosófica deste autor.

